

Nordeste perde 7 milhões de habitantes

Quando concluir, este ano, o censo demográfico no Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) poderá ter uma surpresa com relação ao Nordeste. Segundo dados apresentados pela professora Taís de Freitas Santos, da Fundação Joaquim Nabuco, de Pernambuco, no Fórum sobre Migração, a população nordestina, ao invés de aumentar, poderá ter diminuído assustadoramente.

Pesquisas da Fundação Joaquim Nabuco e projeções feitas por seus técnicos, apontam uma diminuição da ordem de sete milhões de habitantes. Assim, o Nordeste que tinha 35 milhões de habitantes, a segunda maior população do país, poderá ter diminuído para 28 milhões. O fenômeno vem intrigando os técnicos, que preferem esperar o censo para terem confirmados seus dados.

O modelo de crescimento do Nordeste, bastante atrasado, na opinião de Taís de Freitas, pode ser o responsável por este fato, que preocupa-

os técnicos, já que na história do Brasil não consta diminuição de população em nenhuma região. "O Nordeste sofre o problema da falta de crescimento, diferente das outras regiões do País", analisa a professora e pesquisadora.

Nas décadas de 70 e 80 o Nordeste cresceu abaixo da média nacional, de 2,5 por cento. A este fator, juntou-se a emigração de populações inteiras para centros maiores, fazendo com que a região tenha sua população diminuída, principalmente em pequenas cidades, que pouco têm a oferecer ao homem.

Além do mais, segundo a pesqui-



Taís: baixo crescimento e seca estimulam êxodo

sadora, a cultura algodoeira, que está em baixa no Nordeste há mais de uma década, cedeu lugar à pecuária. Grandes rebanhos exigiam grandes pastagens. Com isso, as pequenas

plantações de feijão, milho, arroz e algodão deram lugar ao capim para alimentar o gado. Isso fez com que o homem fosse sendo expulso do campo, alojando-se nos grandes centros desses estados e daí para São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Um fato concreto é a imigração nesses estados. Não tendo como viver em seus locais de origem, eles chegam às grandes cidades na condição de imigrante. As relações capitalistas, diz Taís de Freitas, também têm sua cota de responsabilidade na expulsão do homem de sua terra.

As regiões do Agreste e Sertão nordestinos foram, ainda segundo os dados da Fundação Joaquim Nabuco, as que mais sofreram com a saída de seus habitantes. "Essas duas regiões são muito pobres e bastante atrasadas. O único meio de sobrevivência é o campo, mas o fenômeno das constantes secas ajudam ainda mais a expulsão do homem do campo", acrescenta.